

# CULTURA PALACIANA

JOSÉ PEDRO MACHADO  
(Lisboa)

Os pontapés que D. Pedro I teria aplicado nos seus jograis, ac expulsá-los do Paço Real por falta de atualidade artística, podem interpretar-se como uma Aljubarrota nas coisas culturais de Portugal, cêrca de vinte anos antes da outra, da verdadeira Aljubarrota.

Invertamos, porém, a cronologia e comecemos por esta última, aquela, afinal, que foi causa e responsável da vitória da outra, apesar de aparentemente ter sido segunda.

A vitória do nosso exército, se nos trouxe a certeza e a garantia da independência (e a longo prazo, pelo esmagamento de dois exércitos adversários, um dos quais batido dentro da sua própria casa, de maneira tão decisiva que por lá ficaram abertas numerosas e graves chagas, materiais e morais), impôs também profunda alteração nos elementos da mais elevada camada da sociedade, ao mesmo tempo que o escol intelectual passou a orientar-se no sentido da cultura anglo-normanda, fortemente vinculada na francesa, porque a isso a obrigavam a aliança com a Inglaterra, os laços de diversa natureza que passaram a prender-nos a esta, a presença de D. Filipa de Lencastre e de seus acompanhantes na Côrte.

Está por estudar a profundidade da provável influência exercida entre nós por essa cultura (se a chegou a haver),

para além, mas muito para além, do que pode significar o emprêgo da língua francesa dos motos dos infantes da “ínclita geração”.

A derrota em Aljubarrota custar-nos-ia, evidentemente, a independência, dar-nos-ia outra organização social, seria o agrilhoamento a êste retângulo de terra, porque não teríamos Ceuta, nem Guiné, não dobraríamos o Bojador, nem o das Tormentas, nem chegaríamos à Índia, ou, se o fizéssemos, seríamos conduzidos por outra bandeira...

Mas não pensemos em coisas tristes que, a Deus graças, não aconteceram...

Apesar dessa vitória, da aliança inglêsa e da presença da rainha de além-Mancha, acabamos, com o correr das décadas, por aceitar o influxo cultural castelhano, de tal maneira que êle veio alimentar a poesia, que parecia moribunda (se não morta) e até anunciar e preparar entre nós o aparecimento de uma das mais fecundas influências intelectuais que a Nossa Terra tem sofrido, a da Itália.

Interessante verificar que até êste curioso encontro de culturas podemos encontrar em Camões: o nacional, o castelhano e o italiano.

De qualquer maneira, as coisas francesas continuavam afastadas, acaso que podemos colocar entre o têrmo da influência provençal e os fins do século XVII, isto é, entre o espírito impulsivo de um D. Pedro I, que corre a pontapé o que lhe pareceu antiquado e aquêle jovem D. Francisco Xavier de Meneses que ensaia o aniquilamento do agonizante gongorismo com a tradução, em oitava rima (!), da “Arte Poética”, de Boileau. Dois fatos tão distantes e tão diversos, mas, afinal, tão próximos...

A influência castelhana, que no século XV teria abafado qualquer sintoma de predomínio anglo-americano, veio completar a obra agressiva do monarca justiceiro: se esta coincidiu com o fim da época trovadoresca (até parece que el-Rei não expulsou só uns pobres jograis, mas a corrente literária que então já nada mais podia oferecer por falta de novidades) e dava comêço ao tal século de que poeticamente nada nos

resta (D. Pedro reinou entre 1357 e 1367), a outra começou nova época (com início conhecido nos meados do século XV), a do "Cancioneiro Geral", compilado por Garcia de Resende, que lhe juntou bem expressivo prefácio, a mesma que orientou os espíritos para o nosso século XVI e preparou o aparecimento de Camões.

Mas essa renovação nunca se efetuará sem a presença no Paço Real de quem chamasse, entusiasmasse e protegesse os capazes, fôsem eles quem fôsem.

Se do Paço Real se expulsaram jograis sem mérito, últimos símbolos de uma escola sem significação, foi também do Paço Real que partiu o interesse para a reforma, mesmo que ela desse alguma vantagem à cultura dos que pelas armas foram derrotados em Atoleiros, Trancoso, Lisboa, Aljubarrota e Valverde...

Ao mesmo tempo, porém, as vistas começaram a observar atentamente os escritos legados pela Antiguidade Romana e D. Duarte podia abrir os armários da sua biblioteca (uma biblioteca real, com 80 e poucas obras, algumas das quais já "em papel"... ) e deliciar-se com livros castelhanos ("O Livro de Cetraria" "per castelão", "O Livro do Conde Lucanor", o "Livro das Trovas del-Rey D. Affonso, o Sábio", "Os Aciprestes de Fyta") e em latim (desde a "Blivia", até "Dialética" de Aristóteles, Livros Davicena, Valerio Máximo. "Epístolas" de Sêneca com outros tratados etc.).

Não pode haver exercício cultural sem bibliotecas, mas êle também não pode progredir se não houver quem as frequente e aproveite. Os príncipes da "inclita geração", por muito boa vontade que tivessem, nunca conseguiriam, só por si, ser e fazer tudo para obter a reforma cultural da terra portuguêsã. Poderiam (e foi isso que aconteceu) dar admirável exemplo e levar muitos a interessar-se pelas coisas do espírito, exemplo que frutificou e continuou com os seus sucessores, pelo menos naqueles que se sentaram no trono de Portugal, embora, que se saiba, mais nenhum, como D. Duarte, nos deixasse obra literária de sua própria lavra.

Mas, à sombra dos príncipes de Avis, educaram-se nobres e plebeus, todos aquêles, enfim, que sentiam arder dentro de si a chama viva que sai do intellecto e simultâneamente o alimenta; ao lado dos magnates autores das poesias que nos primeiros anos do século seguinte Garcia de Resende entregaria à tipografia, apareceram pobres plebeus como um Fernão Lopes e certo Gomes Eanes que, quanto a mim, conseguiram ultrapassá-los. . .

Foi como que o regresso de jograis rejuvenescidos e atualizados. . .

E D. Pedro gostaria de ver uma nobreza que sabia manejar a espada e a pena, sempre em volta do seu rei, a escrever obras imortais nas muralhas de Arzila, Tânger, Alcácer-Ceguer, nas páginas do "Cancioneiro Geral" e, a seu lado, os plebeus, netos daqueles outros com quem dançara nas ruas de Lisboa, ou nas noites cálidas de verão quando o sono não lhe fechava os olhos ou quando desembarcava na Ribeira de volta de mais uma viagem de inspeção, os plebeus a correr atrás da mourama pelos adarves dos castelos norte-africanos, a sulcar mares nunca dantes navegados, a desembarcar em terras desconhecidas, a contribuir para que em Lisboa se soubesse mais uma hora do que em Roma em cem anos, ou até sentados num gabinete a escrever as crônicas de D. Pedro I, da Conquista de Ceuta, do Descobrimento e Conquista da Guiné. . .